



Corpo, cotidiano, imagem e criação: pesquisa e escolas

Body, quotidian, image, and creation: research and schools

Aldo Victorio Filhoⁱ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Bianca de Menezes Castro da Silvaⁱⁱ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Nesse artigo partimos da noção de que a dimensão poética e os agenciamentos estéticos, não se atendo aos limites categoriais das artes, nas quais são energia e imanência, se espraiam, atravessam e envolvem as práticas cotidianas, se destacando nos campos onde as ações criadoras alcançam mais evidente relevo, como o cuidado de si simultâneo à invenção do mundo, situações que, tanto no plano individual quanto no coletivo, são osso e carne da vida escolar. Ao considerarmos a afirmação do corpo para além do que a modernidade o considerou e exilou, o percebemos como dimensão auto criadora, tanto no plano individual quanto no coletivo, na medida em que cada corpo assimila, cria e partilha experiências nas interações sociais conduzidas, por sua vez, pelas dimensões simbólicas imaginárias.

Palavras-chave: escola, corporeidade, visualidades, corpo em devir.

Abstract

In this article, we depart from the notion that the poetic dimension and aesthetic assemblages, which fail to meet the categorical limits of the arts in which they are energy and immanence, spread, cross and envelop daily practices, standing out in the fields where creative actions reach more evident relief, such as caring for oneself simultaneously with the invention of the world, situations that both individually and collectively are the bone and flesh of the school life. When we consider the affirmation of the body beyond what modernity has considered and exiled, we perceive it as a self-creative dimension, both individually and collectively, as each body assimilates, creates and shares experiences in the social interactions conducted by the imaginary symbolic dimensions.

Keywords: school, corporality, visualities, body in becoming.

Enviado em: 25/04/19 - Aprovado em: 10/06/19

*A pessoa não é uma arquitetura imóvel, ela dura,
se experimenta no abrigo do tempo. Sua estrutura,
a, bem dizer, é mais semelhante a um*

*desenvolvimento musical do que a uma
arquitetura...
(Emanuel Mounier, 1947).*

*Não temos um corpo, somos um corpo
(Maurice Merleau-Ponty, 1971).*

Fruto de alguns dos resultados da rede de pesquisas coordenadas pelo Laboratório de Ensino da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, este artigo integra esta rede investigativa que aborda aspectos diversos das realidades cotidianas que envolvem o ensino das Artes e as Artes no ensino em algumas escolas públicas populares no Rio de Janeiro, e seu norte é recolher e compreender elementos que possam contribuir para o entendimento das relações entre os estudantes, instituições escolares, equipamentos culturais públicos e o ensino da arte na atualidade. O interesse que articula as pesquisas é favorecer ações que, por sua vez, busquem a atualização de recursos, meios pedagógicos, concepções curriculares e práticas formativas no âmbito das artes e de seus ensinamentos tendo como base, conforme mencionado, a concretude das práticas cotidianas que instituem e volatizam as muitas escolas que habitam cada escola.

Um dos entendimentos que estimulam as pesquisas citadas é o reconhecimento da ação poética como marca da condição humana, das antigas produções visuais que nos alcançaram, passando pelas grandes criações poéticas configuradas na realização dos sistemas simbólicos à complexa contemporaneidade social global. Atualidade na qual a criação e a fruição estética são evidentes na mediação de grande parte das instâncias sociais, políticas e econômicas, envolvendo dos universos pessoais aos domínios da produção de capitais diversos.

A dimensão poética e os agenciamentos estéticos se destacam nos campos onde as ações criadoras alcançam mais evidente relevo, como o cuidado de si simultâneo à invenção do mundo, situações que, tanto no plano individual quanto no coletivo, são osso e carne da vida escolar.

Ao considerarmos a afirmação do corpo para além do que a modernidade o considerou e exilou, praticamente reduzindo sua compreensão à mecanicidade das ciências biomédicas, o percebemos como dimensão autocriadora tanto no plano individual quanto coletivo, na medida em que cada corpo assimila, cria e partilha experiências nas interações sociais conduzidas, por sua vez, pelas dimensões simbólicas imaginárias. Por outro lado, procuramos o que poderia haver a contrapelo da condição ou condenação, geralmente imposta ao corpo, ao supérfluo ou autômato (LE BRETON, 2013, p. 183). Assim, alguns aspectos se impõem centrais nas aventuras investigativas que alicerçam as reflexões aqui engendradas. O corpo e as visualidades que, ainda que transitoriamente, produzem e os

sustentam e pelas quais é mediado face aos ambientes aos quais é lançado e envolvido, e aos quais deve enfrentar e intervir, faz esse corpo ser munido por meio da imaginação e, evidentemente, pela produção estética. A experiência estética, bem como a prática artística, não seriam algo supérfluo, mero adorno dispensável em nossa existência, ao contrário, trata-se de elemento vital em toda a sociedade, uma necessidade humana que exige ser satisfeita e não seria, por isso, um valor em si, mas sim o de um conhecimento de algo necessário para toda a humanidade, como podemos constatar a partir das funções diversas dos objetos estético-artísticos ao longo da história (VÁSQUEZ, 1999, p. 19)

Como que reverberando a ancestral operação criadora dos sistemas simbólicos, base do arremesso da pré-história à radicalidade virtual da contemporaneidade, o impulso criador de si e do mundo acompanharia todas as ações sociais, sobretudo aquelas projetadas para a formação das novas gerações. Formações que, embora não se reduzam às instituições escolares, têm em seus espaços e tempos fertilidade específica e que envolvem experiências determinantes para a vida de suas comunidades.

Conforme Eliade (1985), a invariância antropológica asseguraria a existência de uma base comum que une a infinidade de singularidades pessoais e tal ponto de ligação, instância arquetípica é justamente o universo simbólico inseparável da ativação do aspecto sensível e criador de elementos e situações estéticas. Tal compreensão foi fundamental para o desenvolvimento das perspectivas investigativas quanto das ponderações a respeito de suas constatações, sobre a qual, retornaremos ao longo deste artigo.

As práticas cotidianas além de realizarem a multiplicidade escolar anteriormente apontada, as diferentes escolas que coabitam na escola, ou seja, que fazem de cada escola um mosaico de combinações oferece aos seus protagonistas, como aqui especificamente entendemos os estudantes, experiências que variam do estímulo ao fortalecimento da sensibilidade à sua suspensão ou opressão. Como podemos perceber, decorrendo das imposições disciplinares às atividades afetivas, lúdicas e criativas. A escola que, sob certa visada, é marcada pelas cotidianas urgências administrativas, é a mesma que recorre à uniformização das aparências, dos gestos e movimento e exorta a atenção sensível às normas e à assimilação criativa de conteúdos. Inseparáveis são, portanto, a submissão obediente aos protocolos necessários ao cumprimento de regras comportamentais e salvaguarda da segurança individual e coletiva, e a criatividade necessária à assimilação e aplicação de novos saberes, visto que, inalienável da liberdade cara aos ensaios e tentativas de compreender e participar do mundo que a vida escolar propicia vislumbrar.

Problematizar a vida escolar, a partir dos esforços investigativos do, no e com o seu cotidiano (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018) implica na adoção de meios pertinentes à fugacidade, surpresa e multidimensionalidade dos acontecimentos diários e sempre

singulares na repetição rotineira e enganadora do sistema letivo. Ou seja, sob a aparente repetição da ordenação das funções, papéis e espaços escolares, o inusitado espreita e surpreende, evidência de que o que é efetivamente repetitivo e constante, é a rebeldia do cotidiano (OLIVEIRA, 2013).

Sob o aspecto metodológico aplicado à pesquisa específica que nos levou a esse trabalho, compreendemos que a metodologia é um conjunto de procedimentos escolhidos em função dos objetivos da pesquisa e sempre sensível às experiências que se dão desde seu início. Assim, a escolha de instrumentos e caminhos investigativos é conduzida ao sabor das surpresas cotidianas no campo trabalhado. Buscando, assim, que as escolhas procedimentais e teóricas configurem o melhor meio de alcançar o conhecimento complexo (MORIN, 1999) indispensável à noção de pesquisa engendradora. Se é fato que um discurso científico sobre o método, conforme Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 110) recorrendo a Bachelard, será sempre um discurso de circunstância e não descreverá, portanto, uma constituição definitiva do espírito científico, então, as experiências reveladas em toda nossa pesquisa colocam, no caso do cotidiano, métodos e teorias sob seu domínio. Nessa direção, tomamos a sensibilidade deflagrada, no contato com os coletivos da escola parceira, como plataforma propulsora das reflexões, ponderações e constatações acumuladas na pesquisa. Vários aspectos constituem os cotidianos das escolas. Neste artigo elegemos o corpo como o ponto central de nossa atenção e como chave de leitura do universo que o envolve. Entendemos, portanto, o corpo como irredutível centralidade do cotidiano em torno do qual os demais elementos do universo discutido circulam e interagem.

Assim, ao elegermos o corpo como o pequeno e infinito universo de cada sujeito onde pensamento, produção epistêmica, sensível e inventiva ocorrem indissociáveis da materialidade orgânica que os constitui e realiza, carne e cultura são, inexoravelmente, fundidas ao mesmo tempo em que limitam a unidade singular de cada indivíduo, investindo e realizando a corporeidade coletiva, mais potente e fulgurante do que a soma dos corpos individuais. Redes de subjetividades e epiderme coletiva invocam o que, aqui, entendemos como humanidade, e que fulgura no jogo das movimentações dos corpos incarnados realizando os espaços vislumbrados na pesquisa, sob os deslocamentos dos corpos. Sob seus mínimos gestos, o espaço e o ar adquirem texturas diversas, tornam-se densos ou tênues, tonificantes ou irrespiráveis (GIL, 2001, p. 57). Nesse caminho, seguimos o corpo aprendiz das novas gerações os observando a renovar as escolas das suas superfícies à internalidade das suas repetições tradicionais.

Tomamos a corporeidade como o enredamento das significações das experiências vivas cuja superfície e interioridade, estrutura e energia envolvem todas as dimensões das vivências e de seus significados que cada um herda e realiza. Sejam as sociais, biológicas,

psicológicas, etc. Experiências, portanto, que nos fazem aproximar, afastar, envolver, colidir, conviver e irmanar com os grupos humanos, meio dos quais surgimos e os demais que encontramos nas erráticas trajetórias da existência. Assim como consideramos a educação escolar em sua íntima utopia de formação direcionada à emancipação e triunfo coletivo. Deitamos, então, a atenção aos corpos ativos dos estudantes que, em suas movimentações diárias, sonorizam e aquecem os espaços escolares. A partir dessa atenção é inevitável constatar que entre os equívocos da escola oficial, reiterados, a cada instante, nas práticas de orquestração dos espaços, tempos e personagens, o corpo discente, em todos os sentidos, sobretudo o incarnado, é alvo da aquietação como sendo um obstáculo ao teatro da eficiência controlada. Antes mesmo do seu nome pessoal, da concretude de sua história, das práticas e invenções que lhe dão existência e consistência como indivíduo, o corpo é cingido pela redução enunciadora do termo 'aluno'. Abstração desencarnada que lhe impõe uma significação blindada, determinando o seu papel e a sua atuação conformadas ao planejamento da oficialidade. Contudo, entendido, como anteriormente afirmado, que cada escola é uma instituição multidimensional e suas efetivas configurações e efeitos se dão na fugacidade das práticas de seus praticantes (CERTEAU, 2012), onde se impõe, ao nosso olhar, o desenho brutalista do edifício das normas e interdições, a escola que denominamos oficial deixa transparecer, ironicamente, a leveza dos espaços avarandados das criações fraternas e tolerância cúmplice, da escola amena que habita o mesmo espaço daquela anteriormente aludida.

No que cabe à escola oficial, o obstáculo mais evidente seria a falta de sintonia da vitalidade do corpo com o papel institucionalmente determinado. Assertivas críticas imperam a respeito do comportamento do aluno, seja em grupo ou individualmente, condenando a rebeldia sempre condenada como inadequada à ordenação escolar e à conveniente produção curricular. Evidentemente, diante das urgências que tomam o dia a dia escolar, a reflexão sobre a corporeidade e seu potencial de criação e participação no fluxo formativo soariam como supérflua, contudo, a ausência quase radical da consideração do corpo em movimento, rebelde ou não, inadequado ou inconveniente, como processo de autocriação individual e coletiva leva a pensar na pertinência do que é investido nas formações docentes. O impedimento do movimento inadequado, ou seja, a bagunça, a gritaria e derrisão tão presentes na vida escolar, levariam, de certa forma, à alienação do corpo em relação ao mundo da correção que caberia à escola oficial manter. Como se o projeto escolar não contemplasse o corpo infantil compreendendo como este conquista a sua vitalidade a partir das suas experiências sensoriais livres e espontâneas, como se dá em inúmeras propostas de criação poética as quais, sob alguns aspectos, parecem se inspirar no ato intrínseco da autocriação que percebemos na infância. Ato eivado de experimentações diversas, da audição da reverberação da própria voz, do entendimento

espacial via o gesto espontâneo e aparentemente desordenado, assim como dos deslocamentos rápidos em corridas súbitas, entre outras ações.

Observamos que, apesar das interdições, isso tudo também ocorre meio às normas, prioridades organizacionais e demais imperativos estratégicos (CERTEAU, 2012). Para destacar as relações entre o ensino formal e a aprendizagem intrínseca ao corpo, aprendizagem que se desdobra independente do que a cerca, mas, que dependendo de como seu contexto é ordenado e pelo o que é atravessado pode ser mais ou menos feliz e produtiva, seria necessário pensar no contexto das práticas que os envolvem e os espaços e tempos nos quais ocorrem, ou seja, em qual escola, para quais alunos, pensados e dinamizados por quais professores, oriundos de quais tipos de formação, ou seja, quais seriam as histórias e afetos particulares em jogo. Contudo, ao longo da pesquisa, sobretudo no aspecto comparativo com outras instituições em espaços e tempos assemelhados, constatamos que a singularidade das situações escolares se assenta na tessitura de aspectos comum a todas as escolas. Universalidades e singularidades em jogo ambíguo diante do pesquisador. Pois, a percepção sempre criadora deitada sobre o que se deseja conhecer encontra, fatalmente, a tessitura complexa de encontros e histórias, a qual, ao mesmo tempo em que surpreende professores e estudantes, os contempla com certa territorialidade singular e familiar, portanto, funciona como abrigo identitário, como espaço especial de referência. O que respalda enunciados que começam com os termos “a minha escola é assim”.

Nas nossas atividades e rotas investigativas procuramos recorrer a conceitos e até criá-los, mas, não como recursos meramente interpretativos, e sim como novas possibilidades de aproveitamento das experiências de campo a serem acrescentadas aos tradicionais rudimentos hermenêuticos. Ou seja, valorizamos o impulso em direção a algum possível diálogo ou mesmo a alguma não racionalizável fruição das produções estéticas generosamente disponíveis nos cotidianos e buscamos incorporá-los à cartografia investigativa que foi se configurando e nos levando, inclusive a este texto.

Refletir sobre o corpo, aquilo que não possuímos, mas somos, é intentar oferecer contribuições em sintonia com a atualidade da Educação. O corpo, inseparável da mobilidade e da ação sobre si em atravessamento com os demais, pode ser considerado a partir do conceito da ação corpórea em oposição à sua representação. Ou seja, a prática de tornar presentes coisas que estão ausentes e ausentar coisas que estão presentes (GUMBRECHT, 2010) sob o recurso das categorizações e nomeações. Referir-se ao corpo do aprendiz dispensa conceder o olhar e demais percepções sobre o desafio encarnado. Contudo, o cotidiano se constitui de presenças, abstraídas ou não, inexoravelmente concretas e inevitáveis. O protagonista da pesquisa, o estudante incarnado, é criador de

práticas que possibilitam as suas tentativas de apropriação e ou criação do mundo, transformando a escola para além dos opostos da rebeldia e da norma.

[...] Numa cultura de presença, a vontade de desviar ou de alterar esses ritmos (e até mesmo o acaso de causar tal mudança de maneira não intencional) é vista como sinal da inconstância humana [...] (GUMBRECHT, 2010, p. 109).

Buscamos, portanto, nas atividades da pesquisa sentir as escolas fugazes produzidas pelos alunos os quais, por sua vez, como as escolas, são também corpos movimentados pela inconstância.

Um dos recursos investigativo foi assumir atividades pedagógicas junto a algumas turmas (de quarto ano que não eram contempladas com aulas específicas de artes) cujos conteúdos ou temas fossem relacionados à produção estética. O interesse era observar a interferência que a prática poética provocaria no comportamento rotineiramente estabelecido. Sabíamos que as aulas de artes incluem e provocam certo relaxamento na disciplina corporal, e consideramos a associação, nem sempre justa, entre o ensino da arte e a desordem. Contudo, nos interessava testemunhar algumas dessas manifestações e percebê-las sob os pressupostos e vícios da nossa percepção.

O aspecto estético, da percepção à criação e mediação entre o mesmo e o outro, entre o indivíduo, meio e coletivos, é, reconhecidamente ou não, inseparável das práticas pedagógicas escolares. A emergência da energia estética meio à complexidade cotidiana estimula a experimentação, inspira a quebra de regras e a ultrapassagem de padrões. Tal como o labor desafiador do artista diante do material em devir obra, as experiências sensíveis, muitas vezes, provocam o pensamento e reverberam na densidade corpórea. Na intenção de criar oportunidades favoráveis ao aprofundamento da pesquisa buscamos proporcionar condições para que a ação corpórea escapasse da camuflagem comum às aulas e que a sua vitalidade fluísse espontaneamente. Propiciar, portanto, que as crianças se regozijassem com aqueles momentos, sem menção à rebeldia ou a fantasmagoria da imposição do aquietamento. Consideramos, também que a urgência do cumprimento da programação escolar afasta o tipo de oportunidade que ali, a pesquisa em sua multidimensionalidade, acionava. Consequentemente vivenciamos a balbúrdia intensa em desacordo com a ordenação dos corpos e desprovida de sentido, sobretudo sob a redutória leitura moralista, contudo, para nós era a emergência significativa da presença. A aparente falta de sentido não seria falha do que é observado e muito menos significaria que o que se observa seja insignificante. Antes, o que não compreendemos aponta a nossa necessidade de deslocamento e flexibilidade.

Sob o peso das urgências diárias, os acontecimentos e situações cotidianas, os jogos das presenças parecem ser irrelevantes, sobretudo, quando fora de especiais demandas ou contextos que os caracterizem extraordinários. No entanto, na agudeza do instante vivido é evidenciada a significação real (MAFFESOLI, 2009, p. 79) dos mais discretos e banais movimentos humanos. Nessa lógica, buscamos destacar a vivência irredutivelmente corpórea de cada um dos estudantes como acontecimento em fluxo permanente nos cotidianos pesquisados. Mosaicos de singularidades que afirmam a presença, a contrapelo, de qualquer teorização colonizadora.

A distância entre a experiência estética e o mundo hermenêutico, entre a concretude da sensação e a sua notícia ou relato, central a essa tessitura situacional, retoma a relevância da presença (MAFFESOLI, 2009) como fonte epistêmica disponível até nos momentos de esvaziamento da escola, ausências de corpos nas pausas entre os períodos de aulas, mas, eloquente em rastros e sinais (GINSBURG, 1989). As erosões, pegadas e demais marcas deixadas ao longo dos dias revelam sons silenciados, visualidades apagadas, objetos reorganizados, heranças das experiências do cotidiano despercebido, contudo, sempre estofado com a pulsação dos corpos que o constituem mesmo quando ausentes. Os múltiplos modos de presenças, invisíveis, por não serem considerados curricularmente produtivos geram, de qualquer forma, fragmentos curriculares, ou seja, influenciam ou interferem na condução normatizada das ações pedagógicas legitimadas. Interrupções nas aulas, um material escolar derrubado, um esbarrão no colega, o ranger do mobiliário que se movimenta qual prótese surreal junto ao corpo irrequieto, atravessam as aulas e nelas imprimem a participação ostensiva, às vezes acolhida, às vezes clandestina. Tudo isso além da sonoridade e fulguração da alegria própria dos mundos infantis em devir. Sendo ensaios de modos de viver, com e a partir do que lhes envolve, implicam em modos de saber, ensaios e experimentações do corpo que a cada célula a mais nas quais se desdobram, mais se aprofundam no universo que roça a sua pele, infla seus pulmões, assusta ou seduz os seus olhos. A autocriação de cada um atravessa e constitui a dos que constituem seu coletivo. Entendemos a autocriação como o conceito de autopoiesis, (MATURANA; VARELA, 1994) cuja ideia é de um sistema organizado autossuficiente, que produz e refaz seus componentes diferenciando-se do meio exterior. Tal conceito que emerge do campo científico, serve com princípio epistemológico e é útil à compreensão de aspectos sociais e culturais, na medida em que destaca a dinâmica interna dos sistemas e seres vivos como processo íntegro de autorrealização inseparável da reverberação e afetação em todos os demais processos dos demais seres com os quais interage.

A poética que apontamos, a insofismável autocriação, seria um dos mais formidáveis conteúdos escolares, pois do modo e forma como acontecem e se urdem não ocorreriam em outro continente que não fosse a escola. Tais modos individual e coletivamente de ser,

revelam algo mais profundo e estruturante do universo das experiências escolares. Não seria exagero equivocadamente reconhecê-los como a maior e insofismável importância da escola.

O corpo, compulsoriamente atento aos desafios do mundo, amplia e expande suas capacidades sensoriais de modo especial meio às novidades do cotidiano escolar. Pois nesse universo de tentações embaralhadas com imposições, quando e onde o fascínio de interagir com muitos semelhantes em permanente oferta de trocas prazerosas, desafios de afetos e de rejeições compete com a obrigatoriedade das tarefas e comportamentos de nem sempre fácil compreensão e assimilação. Situação complexa que implica na convivência e produção de inumeráveis práticas, dentre essas, muitas das vezes sob a aceitação submissa fervilham as criativas tentativas de transgressão. O cerne de tais experiências é o corpo que aprende a ser o que é e o que não seria, o que poderia ser e também o que não lhe conviria ser na dramática encruzilhada da institucionalidade do mundo, aqui implacavelmente representada pela escola oficial, e o caldo de sensações no qual o indivíduo se amalgama com os coletivos enfrentando, como em nenhum outro momento, poderia sentir as potências da heterogeneidade e da homogeneidade identitárias. A vida escolar é, inexoravelmente, esse vórtice de experiências e sensações de corpos que se autorrealizam com seus músculos, hormônios, ossos e peles, com suas imagens, belezas e fascínios, com seus medos, expectativas e desejos e, sobretudo, na aceleração do fluxo da criação de meios e maneiras de viver tudo isso.

Sob transitórias suspensões de sentidos, entre acontecimentos cotidianos erráticos, atentos, convivemos com crianças enfrentando desafios e aprendendo a manejar a gama das próprias potências. Nesse cenário, a partilha do comum muitas vezes é levada a cabo em aparente caça selvagem. Corpos indiferentes às interpretações de seus movimentos, do que possa denunciar o seu balançar dos braços, seus pés inquietos e sua atenção sempre desviante, inventam a escola de que precisam cotidianamente. Seus corpos se afirmam na invenção de meios de sobrevivência e fulguração. Lemos, portanto, os movimentos expansivos e ostensivos, tímidos ou discretos como especial coreografia de uma poiesis que floresce enredada com tantas outras irmanadas no mesmo processo.

Na complexa atualidade, o recurso à racionalidade é neutralizado pela supremacia do que seria o ímpeto do instinto ou da aspiração estética. Operação corpórea que incorpora, cotidianamente, o que é evitado ou desprezado pelos procedimentos tributários da racionalidade. Modo de viver e entender a vida contemporânea, a capitulação à sensibilidade Maffesoli denomina razão sensível (MAFFESOLI, 2014), e é o que a vibração corpórea e seus impulsos na escola parecem anunciar como marca das gerações que se formam. Apesar do julgamento normativo, os entusiasmos secretados pelo corpo na escola fortalecem o elo estreito que une, razão e sensibilidade para o qual, não há aplicação

possível de modelos, nem protocolos que possam ser completamente atendidos, assim como não há a pureza da essência de sujeitos e fenômenos que permitam classificações duráveis. Considerando tais postulados, entendemos que não haveria normalização que se mantivesse como prática estável, nem conteúdo que não venha a se modificar cotidianamente. Vulneráveis, portanto, são as normas e os currículos a um simples balançar de pés ou leve ranger de carteiras. Nesses espaços e tempos nos quais corpos se ampliam ampliando os sentidos do estar junto nas escolas destacamos as táticas, (MAFFESOLI, 2014), cotidianas sob as imposições e legitimidades normativas como dinâmica ininterrupta atravessando relações de toda ordem, entre estudantes, entre estes e professores e demais atores da vida escolar. Nesse ritmo, as ações dos corpos nos cotidianos inventam e realizam trajetórias singulares a cada dia mais significativas para o dimensionamento das possibilidades da formação escolar. Tais ações se perdem na banalidade do dia a dia, sem, contudo, perderem seus efeitos e significados. Alternam, mesmo que provisoriamente, o cenário instituído e contaminam, aos poucos, o contexto normativo o suavizando com as incontáveis lógicas do improviso.

Fundada no contratualismo rousseauiano, a noção de cidadania horizontal é entendida como a relação solidária entre os indivíduos, no pacto entre eles presente no compromisso de uns com os outros em nome do bem-estar de todos, comprometendo-os uns com os outros independentemente ou para além do Estado e das obrigações e direitos que os cidadãos tenham em relação a ele. É uma solidariedade movida (OLIVEIRA, 2013, p.192).

A utopia íntima da Educação (VICTORIO, 2013), a formação cidadã aspiraria ser reinventada em consonância e harmonia com a atualidade. No solo cotidiano observamos que trabalhar qualquer teleologia implica em negociar com a complexidade das sensibilidades em jogo diário atravessadas, por sua vez, pelas diferenças culturais e suas micro ecologias. Assim, os cenários cognitivo e epistemológico não escapam das relações com as emoções, instintos e afetos, o que leva os atores do cotidiano escolar a fazerem ou refazerem modos de partilha e solidariedade em cada um dos espaços e tempos que atravessam e que por estes são atravessados.

A arte na escola

O festejo do corpo no ritual de encerramento do ano letivo é estampado na reconfiguração do uniforme. Vemos marcas, signos, rabiscos, sem orientação predefinida detectável. São apenas os resultados do jogo afetivo de uma prática grupal irreduzivelmente estética. Durante todo o ano são negociadas formas de intervir no palimpsesto que cobrem os corpos, sem efetivamente escondê-los ou, de fato, uniformizá-los. O uniforme é sujado,

molhado, riscado, suado, encurtado, amarrado, dobrado, singularizado. Entretanto, quando indagadas a respeito da imposição da indumentária uniformizadora, as crianças pouco revelam. Umam apontam a necessidade de se vestir para ir à escola, outras, indiferentes, apenas declaram aceitar a sua obrigatoriedade. Falas contraditórias em face das constantes adulterações do uniforme.



Figura 01. Reconfiguração do uniforme

Alunos, corpos uniformizados, em festejo no último dia de aula materializam suas obras sensoriais na camiseta.

Tais falas parecem ocultar um segredo até mesmo da consciência de sua existência. Ao observar os usos do uniforme que assemelham os corpos estudantis, compreendemos o não reconhecimento de alguma razão para usá-lo e sim as artes de possuí-lo nas suas intimidades e desejos. Haveria um corpo por trás, ou sob cada uniforme, e apenas no último dia de aula se pode contemplar a culminância da emergência dos impulsos reprimidos, acumulados e extravasados nos últimos momentos do ano letivo. Uma experiência estética relevante envolvida pela alegria de fazer algo autoral, por mais previsível que seja, às rotinas escolares em sua única ocorrência anual.

Observando a obra emblemática de intervenção livre no uniforme atentamos para o desempenho coletivo, marcadamente estético. A ação que conduzia o coletivo era a troca de registros gráficos nos uniformes à guisa de lembrança. O que a envolvia, contudo, era

o movimento de superação das normas, uma espécie de dança coletiva que remonta aos aspectos dionisíacos mais vividos do que pensados e claramente do “retorno do recalçado” (MAFFESOLI, 2004, p. 34). Nesses momentos, a escola revigora a sua vocação de ensinar e formar coletivamente, multidimensional, múltipla e diversa em função dos micros acontecimentos que movimentam seus cotidianos.

O observador, amparado em lógicas tributárias à ortodoxia hermenêutica, provavelmente perderá nos ensaios de registros o que vibra sob a superfície dos acontecimentos aqui apontados. A dimensão da força criadora dos corpos em formação não se dá a perceber via o extraordinário. Seu espetáculo nem sempre é tão efusivo e pregnante quanto o que presenciamos no encerramento extraoficial do ano escolar. Embora os estudantes tragam marcas da ordem hegemônica, sob a corrente dos eventos e rotinas diárias tais marcas são amenizadas e, até diluídas, no torvelinho ou mansidão que embalam as autocriações pessoais e coletivas, na medida em que essas obras contínuas dependem do intercâmbio de experiências e negociação permanente de modos de ver e intervir no que pertence também ao outro.

O desempenho envolvendo o uniforme teve início algumas semanas antes de sua culminância. Próximo à saída da escola, muitos alunos já retiravam suas camisas. Vestiam outra camisa sob o uniforme para facilitar a sua retirada. A atividade do último dia de aula foi a troca de intervenções nas camisas do uniforme. Os excessos de alegria e intensa brincadeira expressavam o acúmulo de sentimentos de aderência coletiva. Os nomes dos colegas inscritos nos uniformes mostravam as aproximações e amálgamas afetivas. Sem intervir de forma repressora na ação, as professoras assistiam o que, espontaneamente, emergia e pertencia à vida escolar, crianças experimentando alguns golpes contra a ordem.

Reencontrar a inocência no olhar. Essa acuidade no pensamento e na ação que provém do sentimento de fazer parte, de ser parte “disso” que se busca compreender ou sobre o pretende agir. *Stricto sensu*, trata-se de um intuicionismo que permite aprender a lógica secreta de uma época (MAFFESOLI, 2009, p. 73-74).

A proposta foi trabalhar com arte, utilizando, de forma livre o material de pintura disponível com o objetivo, tão somente, de amenizar a tensão de final dos percursos. Ou seja, um momento de relaxamento das atividades dirigidas contra as quais o corpo, inevitavelmente se chocava, aqui ou ali, em menor ou maior resistência. A atividade agora iniciada contrariava as condições habituais das aulas. Assim, muitos desenhos e certamente, sentimentos embaralhados surgiram sob a energia depositada nos pincéis, suportes e tintas. Na imagem que segue, a densidade das cores reflete a alegria e força de seu autor, que certamente deve seus resultados ao tempo e espaço dessa específica criação, dos quais sua turma tem participação inequívoca. As crianças empolgadas com o portal para

outra escola que viam abrir por meio da ação poética, se misturaram pouco a pouco com as tintas que usavam. Seus corpos eram a continuidade dos papéis, como se estes não oferecessem espaço suficiente. Cores em movimento das mesas aos uniformes, sem representações que permitissem interpretações ou definições. Ao presenciarmos mais uma ação na qual as crianças tornavam-se parte da obra, compreendemos que a qualidade do acontecimento não era redutível à qualquer lógica de representação visual. A visualidade que importava naquele instante era a alegria que tornava mais uma vez indiscernível o que se poderia denominar sujeito e o objeto. A obra era o corpo do artista.



Figura 02. Produção visual

A respeito da imagem, observamos que nos parece registrar, fundamentalmente, o movimento de seu autor, envolvido, evidentemente, por sua história e contexto. Aos nossos olhos, um mar tempestuoso e ao mesmo tempo com solene calma cromática, reflete os contrastes da vida dos corpos na cotidianidade escolar. A ausência de um discurso categorizador, e dispensável diante da experiência estética, se afirma ao admirarmos os ritmos e desenho do deslocamento do corpo em torno de si e através dos espaços onde se encontra. A produção visual acima, não permite muito sentido, parece, como muitas obras de arte, reclamar a condição insofismável da presença. Outras produções, muitos desenhos apresentaram símbolos que permitiam a ilusão de uma interpretação qualquer a respeito do que foi feito. Igualmente valiosos são, também, a

criação de meios de conversa com os mundos que cercam, estimulam e também cerceiam seus autores.

As práticas sociais dos corpos, urdidas por histórias, gostos, belezas, são práticas de conhecimento, seja sob o aspecto experimental ou confirmatório, sob o aspecto criador, propositivo ou assimilador. Novos conhecimentos, ou a reorganização e exploração dos já assimilados emergem junto às experiências sensoriais e simbólicas de cada corpo, seja nas atividades programadas ou no que as transborda. Táticas quase invisíveis, inovadoras ou não, sempre transitórias, funcionam ao sabor da conjuntura. Ações tácitas, conscientes ou não, investem no que se pode aproveitar, ampliar ou reconsiderar a respeito do que se toma conhecimento, se encontra e se experiência no sabor das ondas da escola oceano. Os autores desses saberes, os criam ao mesmo tempo e ao compasso em que realizam os seus modos de ser (CERTEAU, 2012). De tal modo que o corpo, condutor do jogo sensorial, é módulo vibrante da mediação e invenção coletiva do mundo. As vivências diárias contaminadas pelos sentimentos do coletivo favorecem a paixão de ser e estar no mundo. O mundo que, para as crianças, parece ser a justa junção da imaginação com a concretude dos seus cotidianos.



Figura 03. Produção visual

A segunda imagem, acima, espontânea como as muitas outras produzidas na atividade, desfaz a sensação de enfrentamento oceânico. O mar já e céu e alguém o amansa, abrindo uma janela pela qual nos sorri doce e matreiramente. Um sol, ou um menino que brinca de esconde-esconde, um corpo luminoso que vence a instabilidade do contexto no qual se insinua e dele faz moldura para ver e ser contemplado. De certo modo, seria a infância ensinada aos que lhe deve formar. Uma simples imagem pode, e via de regra, aporta um leque de informações, discursos e, até, postulados. Quando a sensibilidade do contemplador não é desviada pela dinâmica perversa da produção, oceano de difícil navegação ou céu tempestuoso, a exploração do mundo traz surpresas positivas, como denota o sorriso do menino sol que vence as nuvens. Como ensinam as crianças corpos a viver e produzir as escolas na medida de suas possibilidades e compleições. O rosto, cercado por tantas linhas e cores, vem como um alívio, consolidando a certeza de que a escola participa da realização do corpo. Corpo complexo e misterioso, porquanto em devir.

Os autores das imagens nos ofereceram a fertilidade da imaginação ainda livre como são, ou só seriam, a das crianças. Com as imagens variadas de corpos em movimento e pinturas sobre papéis e uniformes sugerem a escola que lhes é mais necessária, onde professoras aprendem com as suas turmas o que e como deverá lhes ensinar. Uma escola que já existe entre tantas outras que fazem girar o caleidoscópio cotidiano de cada escola e que parece tão palpável diante dos pesquisadores que, por sua vez, voltam à escola para aprender o que é preciso. Sobre sua multiplicidade, sobre meninos e meninas solares, sobre agendas anacrônicas, sobre professoras criadoras e corpos que crescem nutridos pelos encontros coletivos, pelos desafios institucionais, pelas tempestades oceânicas e branduras celestes que ameaçam e iluminam o cotidiano. A nós cabe, portanto, ao interromper esse registro de breve recorte da investigação, oferecer às crianças, seus efetivos colaboradores e coautores, o reconhecimento e elogio à toda sua poética para inventar as jogadas do mundo que na escola, naqueles momentos de encontro das aulas, nos contém. A cabeça amarela, sorrindo para o mundo, no papel, cheio de outras cores, doa generosamente, mais que sentidos, a afeição que muitas das escolas na escola inspiram.

Considerações finais

No registro de instantes do percurso estético do corpo na escola buscamos defender a atenção à corporeidade da e na especificidade da vida escolar. Tentamos explorar encontros e presenças a partir dos quais é possível argumentar a favor da percepção ampla e generosa às forças poéticas do corpo, às suas manobras e modos de explorar a sua própria topologia e a de seus coletivos, perceber, intervir e reinventar os tempos e espaços escolares e as suas decorrentes voláteis, microscópicas, mas, vitais conquistas diárias.

Emaranhados no mundo contemporâneo, os nossos corpos polissêmicos (LE BRETON, 2012, p. 31) ainda são os mesmos nos quais ecoa a percepção das sociedades tradicionais que não discerniam o indivíduo do cosmo, da natureza e da comunidade. A vitalidade investida nas táticas diárias, nas operações de caça sob o peso das estratégias (CERTEAU, 2012), nos ensinam os coautores e protagonistas da pesquisa, implica, também, na fuga dos tradicionais conceitos sobre nós mesmos, conceitos herdados e não realizados a partir de nossas experiências. Cada criança se torna o que é a cada uma das infinitas experiências sensíveis que vive diariamente. Assim, na pesquisa foi primordial ultrapassar os pressupostos, alguns preconceituosos, do que a envolveria, como corpo, a escola e os seus contextos. Longe de buscar meios racionais de apreensão das realidades, como a aplicação de métodos qualitativos ou quantitativos tradicionais, intentamos atividades intuitivas cotidianas envolvendo o movimento corpóreo e ações de expressão poética. Em outros termos, tentamos aprender com as experimentações sensoriais e a simplicidade dos encontros com os sujeitos da pesquisa.

Pretendemos, assim, dar continuidade à busca pelas cartografias corpóreas do sentimento mundo na escola, de forma a alcançar as mensagens das sensações antes de qualquer tradução das operações dos corpos e movimentos. Pois, apesar de não precisarem do reconhecimento da magnitude de suas práticas, os estudantes somam ao mundo suas formas e articulações culturais, o que nos leva a reiterar, a partir das vivências investigativas que a cultura escolar não é isolada da cidade que a contém. É rede de saberes em trânsito livre por seus muros de alvenaria ou curriculares por seu veículo mais importante que é o corpo incarnado de cada sujeito que vive seus cotidianos. Nas escolas, as tribos infantis e juvenis adensam seus mundos e ao passo que desdobram seus corpos, agravam a complexidade desse específico universo, vivido e reinventado diariamente. Assim, as pretensões da pesquisa se assentaram em um esforço interdisciplinar envolvendo produções estéticas e suas discussões, bem como, as festividades corpóreas da escola que mais que revelassem segredos, ajudasse a atualizar as imagens que à escola pertencem. Escolas atuais nas quais os estudantes oferecem saberes aos seus professores, talvez como sempre tenha sido, mas, hoje como condição inofismável da atualização dessa insubstituível instituição (VICTORIO; SILVA; NASCIMENTO; SILVEIRA, 2017).

Tentamos perceber o campo investigado buscando captar as pequenas conquistas cotidianas dos nossos interlocutores. Apostamos, para além da narrativa e do olhar distanciados, na comumente desprezada banalidade do cotidiano e nas sensações que oferecem. Modo de trabalho que foi se configurando como eficaz à compreensão das muitas realidades entrecruzadas que envolvem os espaços e tempos investigados. Tentamos, portanto, trabalhar a partir das possibilidades criadas, narradas, fotografadas e inspiradas nos encontros/aulas, tomando as falas ouvidas, das mais banais às mais eloquentes, como

a experiência de entrar e sair do corpo a cada respiração (NOVARINA, 2009), portanto, como corpo indiscernível das camadas simbólicas que também o constituem e consolidam as relações entre aprendizes e ensinantes. Por fim, ambicionamos com as reflexões aqui registradas sobre o mosaico de micro ocorrências cotidianas, destacando a ação estética dos corpos que o habitam e constituem, alcançar, ao menos, uma mostra relevante do panorama de criações das diversas dimensões escolares, realizações que, no entendimento proposto, constituem o tecido efetivo das redes educativas que açambarcam todas as escolas, em seus espaços e tempos, pretéritos, presente e futuro.

Referências

- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano** – 1 Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 18. ed., 2012.
- ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- FERRAÇO, C.E.; SOARES, M.C.S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.
- FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. de. **Aproximações do imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.
- GIL, J. **Movimento total: o corpo e a dança**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- RIO, 2010.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. 6. ed. Campinas, SP: Papiрус, 2013.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MAFFESOLI, M. **A república dos bons sentimentos**. Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.
- MAFFESOLI, M. **A parte do Diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAFFESOLI, M. **Homo Eroticus: Comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas SP: Editora Workshopsy, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MOUNIER, E. **Traité du Caractere**. Paris: Esprit, Editions du Seuil, 1947.

NOVARINA, V. **Diante da palavra**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2009.

OLIVEIRA, I.B. de. Utopias praticadas: Justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública. **Instrumento - Revista de Educação e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 191-201, jul./dez., 2013.

VÁSQUEZ, A. S. **Convite à Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VICTORIO, A. F. Enfrentamentos contemporâneos do ensino formas das artes: cultura visual, o corpo e a arte. ANPAP: Encontro Nacional Ecossistemas estéticos, 2013. p. 3203 a 3216.

VICTORIO, A. F.; SILVA, P. S. da S.; NASCIMENTO, R.T.; SILVEIRA, V. J. Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola. **Educação Santa Maria**, v. 42, n.3, p. 597-614, set./dez, 2017.

ⁱ Graduado em Gravura pela Escola de Belas Artes UFRJ e Licenciado em Educação Artística. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor Associado e Coordenador da Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte: Linha de Pesquisa Juventude Líquida: estética/educação/acontecimento - UERJ/UFRRJ e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Cotidiano Escolar e Currículo - UERJ, Linha de Pesquisa Práticas curriculares cotidianas e emancipação social. Professor visitante da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, Procientista e Cientista do Nosso Estado – FAPERJ

ⁱⁱ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integrante do Grupo de Pesquisa Cotidianos, Redes educativas e Processos culturais, vinculada ao ProPEd - UERJ. Todo movimento acadêmico respira a escola pública. Bolsista CNPq

Como citar esse artigo:

FILHO, Aldo Victorio; SILVA, Bianca de Menezes Castro da. Corpo, cotidiano, imagem e criação: pesquisa e escolas. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 146-163, mai./ago. 2019.